

Alfonsus de Guimaraens

Luis Sucupira

Há de revestir, por sem dúvida, feição de paradoxo a tentativa de excursão pelo semi-olvidado Olimpo neste século da fissura do átomo e das investidas cibernéticas, para um convívio com Polínia, a encantadora musa da poesia.

Vivendo num mundo em desordem, apesar das conquistas da ciência que procura reajustá-lo, o homem, envolvido pelas atrações espetaculares da tecnologia, de mistura com uma grande vaga de erotismo, parece não ter mais oportunidade nem simpatia para os dramas particulares do indivíduo.

Chega-se a falar numa crise do espírito, especialmente no terreno das manifestações poéticas, sem se levar em conta, porém, que, por trás de tudo isso, sempre trabalha uma força misteriosa, que não se contenta com os frios raciocínios de um mundo modelado pela racionalidade da ciência.

E no meio desse caos em atividade criadora ou destruidora ainda é o poeta, ainda é a poesia seu instrumento, a forma reacionária de protesto contra a pretendida desumanidade do ser humano.

Os poetas não morreram. A poesia continua viva, afirmando a continuidade dos invariáveis sentimentos, que podem manifestar-se de maneira diversa mas que trazem sempre o sinete da sobrenaturalidade universal.

Aí estão, entre veteranos e novíssimos, Cassiano Ricardo, com suas ligações à velha guarda, mas animado por uma capacidade de renovação vanguardeira, ao ritmo de uma grande musicalidade verbal; Murilo Mendes com as modernas maviotas produções de "Convergência"; Emílio Moura, perlongando um "Itinerário Poético", no qual desbrava os caminhos do cosmo em busca da compreensão dos tão desolados destinos humanos. Jáder de Carvalho, cuja poesia, de sofrido e denso humanismo, é canto de protesto, desafio e esperanças. Vinícius de Moraes, ressumando lirismo até nas suas maviotas canções para os festivais de música popular; Alfonsus Guimarães Filho, tentando ressuscitar os deslumbramentos paternos, à sombra de um fanado neo-simbolismo, animado pela inspiração religiosa; Nauro Machado, que procura reavivar a chama que deu ao Maranhão o título de Atenas Brasileira, Affonso Ávila, cujos sonetos, manipulados ao sabor de amargo lirismo, representam no entanto um esforço heróico de libertação dos tentáculos do seu mundo interior; João Cabral de Melo Neto, que utiliza o verso para consagrar ideologias, sem deixar de ser límpido e cantante, como querendo reduzir correntes encachoeiradas a ribeiros murmurosos. Francisco Carvalho, cuja poesia de ontem e de agora consagra um dos mais límpidos e maviotas vates do Nordeste; Artur Eduardo Benevides, cuja larga inspiração permite ir do regional ao universal, sem submissão aos limites de escolas ou de estilos.

Nada pois justifica induzir a crença de manifestação de crise na poesia. O que está acontecendo é que, num século em que a comunicação atinge as raias do absurdo, utilizando, até o exagero, os mais rápidos, mais eficazes, mais estridulantes processos de divulgação, os poetas continuam como em todas as épocas recolhidos às suas torres de marfim, desconhecendo ou mesmo desprezando as oportunidades de contágio com as massas, preferindo contatos apenas com um mundo limitado de eleitos, capazes de compreendê-los e aplaudir-los.

Aliás, isso não é característica da nossa época. Quem perlustra as praias quase sempre deslumbrantes das letras

pátrias não sente dificuldades em apurar os permanentes desencantos dos que vêm fazendo a história do pensamento culto brasileiro.

Na fase que, hoje, consideramos das mais profícuas e prolíferas da literatura nacional, que abrangeu o fim do século XIX e o dealbar do século XX, a impressão dos que para ela concorreram e nela construíram o monumento mais amplo e mais profundo de que uma geração de homens ilustres se deve ufanar, era de desânimo, de desencanto, de desespero e de decepções lamurientas.

Raimundo Correia, conforme se lê na carta dirigida a Antônio Sales e publicada no número 9 de "O Pão", em 1895, fala tristemente em "letras marasmadas", já havendo antes, em 1892, afirmado que estava diante de uma "literatura doente, deprimente e asfixiada". Em 1893, escrevia na "Semana" que dominava em tudo "um retraimento deprimente e asfixiante do nível intelectual".

Aluísio de Azevedo, no mesmo ano de 1893, dizia: "Ninguém lê: uns se escondem para ocultar a miséria e outros para fugir à justiça".

No entanto, foi entre esses desencantos e desesperanças que surgiram e brilharam e triunfaram o Parnasianismo e o Simbolismo que na Poesia e na Prosa perpetuaram páginas das mais gloriosas que se tornaram obrigatórias nas Antologias e passaram a enriquecer as produções literárias, eternizadas nas Enciclopédias.

Dentre os nomes que se destacaram na reação contra o realismo e o naturalismo literários, que, por sua vez, tinham destronado o romantismo, figuravam Cruz e Sousa, Alfonsus de Guimarães e Lívio Barreto. O primeiro conseguiu impor-se e impor o seu Simbolismo. O segundo passou quase desconhecido e só depois de morto teve sua poesia destacada, considerado mesmo o Verlaine brasileiro, na opinião de Manuel Bandeira. O terceiro finou-se desconhecido e desconhecido continua, apesar da tentativa de torná-lo conhecido, há pouco levada a efeito pela Secretaria de Cultura do Ceará, reeditando-lhe as "Dolentes".

Aproveitando as comemorações levadas a efeito no centenário do nascimento de Alfonsus de Guimarães, nascido em Ouro Preto, Minas Gerais, em 24 de julho de 1870, convém relembrar aqui um pouco da vida atribulada e desesperançada de quem passou pela existência cantando e sofrendo, recolhido à solidão e ao silêncio, recordando amores juvenis despedaçados pela morte, o que lhe impregnou a poesia de acentos doloridos, dominado pela obsessão de uma saudade que nada apagou, nem mesmo o casamento e o advento de numerosos filhos.

Essa obsessão pela amada morta, que lhe embalara de sonhos a mocidade e teve os dias extintos ao completar 17 anos, levou Silvío Romero a classificá-lo de “romântico lamuriento”. Outros críticos afirmam que a meiga Constança está para a poesia de Alfonsus como Laura para a de Petrarca e Beatriz para a de Dante.

Seria, no entanto, mais apropriado e consentâneo fazer paralelo da amada morta de Alfonsus com a Dinamene, de Camões. De fato, até nos versos dedicados àquele que provocara “a saudade sem fim de tê-la visto”, há aproximações com a “alma gentil que se partiu tão cedo desta vida descontente”.

Realmente, não só a feição, o tom, a leveza, mas até o estilo camoniano se encontram no soneto “A Ventura”:

Na solidão dos meus olhos estancos
sinto estertorar a horda sombria
dos meus pesares nos fatais arrancos
e arquejos e ânsias cavas de agonia.

Era a ventura que surgia — os flancos
Iluminados pelo albor do dia...
Mirei-a. Suave como um sonho, os brancos
braços erguidos para mim sorria.

Antes eu nunca a visse nem mirasse
o seu olhar relâmpago fugace
a cintilar em pálpebras de estrela...

Não sofreria a dor a que resisto:
A saudade sem fim de tê-la visto,
sem esperança de tornar a vê-la.

Ou neste outro:

Hão de chorar por ela os cinamonos,
murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: — Ai nada somos,
pois ela se morreu, fulgente e fria...
E pondo nela os olhos como pomos,
hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
entre lírios e pétalas de rosas.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão, no azul, ao vê-la,
pensando em mim: — Por que não vieram
juntos?

Pela forma de apresentar seus versos e pelo misticismo da inspiração, os críticos de Alfonsus de Guimarães quizeram ver nele resquícios de um medievalismo poético, a ponto de Nestor Vitor chamá-lo de árcade insincero. Não se discute haver sido o poeta movido por um impulso religioso de fundo ascético, demasiado freqüente nos trovadores contemporâneos de Camões. Esse apego a um mundo já fanado transparece no sabor camoniano de seus versos, na forma de cantar seus amores, deixando-se levar para o reino dos sonhos, fazendo da lua companheira fiel, recordando “aquela

pobre mulher, pobre Saudade”, que, debruçada na torre de sua alma, acompanhou-lhe a dolorida existência até a morte, essa morte que, como afirmava ele, sempre viveu dentro de sua alma. E, por isso, achava de dizer: “Cantem outros a vida, eu canto a morte”.

Dentro do seu castelo interior em ruínas, nem o próprio nome conseguia sustentar. Assim é que, nascido Afonso Henriques da Costa Guimarães, modificou a sua identidade à medida em que ia publicando seus poemas. Ora era Afonso Guimarães, ora Alfonso Guimarães, ora Alfonso Guy, ora Alphonsus de Guymar, ora Alphonsus de Vimarãens, acabando, por fim, em fixar-se na forma ibérica e latina de Alphonsus de Guimaraens, sob cuja paternidade se apresenta com seu “Secretário das Dores de Nossa Senhora”.

Arcade cristão, nem por isso pode afirmar-se ter sido ele um poeta verdadeiramente católico, a exemplo de Durval de Moraes. Apesar de haver cantado louvores à Virgem, no “Setenário” e de procurar atingir um mundo voltado para as essências divinas, como em “Dona Mística” e “Kiriale”, não soube abrir o coração à alegria das coisas, como é natural nos bons cristãos. Penetrado de um misticismo subjetivo, seu cristianismo era sobremodo vago, deixava-se perder nas ondas de um lirismo contemplativo, sem conseguir alcançar “nem a beleza nem a força do Dogma Católico”.

E se isso ocorria dentro do seu ambiente espiritual, cultivando a religião sem no entanto curvar-se totalmente aos seus dogmas, a mesma coisa verificava-se na sua adesão ao simbolismo, pois seus versos não obedeciam passivamente à disciplina da nova escola, o que não impediu fosse, embora postumamente, considerado nesse mister uma das mais altas expressões da nossa alma brasileira, nostálgica e sutil. Como diz Tristão de Athayde, ele foi um poeta eminentemente pessoal, na configuração própria do seu simbolismo, que ultrapassou a escola e cuja mensagem fala hoje ao ouvido dos poetas novos mais do que falou aos seus contemporâneos.

Realmente, em vida, pouca atenção lhe deram os homens de letras. E daí lastimar-se o poeta:

Eu cantei como vós, ó trovadores,
E ninguém quis ouvir os meus amores.
Perdi-me em sonho, só, por sobre os mares
E ninguém quis ouvir os meus cantares.

Olvidado nos recessos de uma distante cidade mineira, ali finou-se quase ignorado e continuou esquecido até que dele falou Jackson de Figueiredo, que viu em Alphonsus de Guimaraens um grande poeta e um grande artista, figura sem rival em nossa língua na pintura mística.

Logo em seguida, Manuel Bandeira e Henrique de Rezende fizeram mais luz sobre “uma das mais claras e iluminadas afirmações da poesia americana”, na opinião de Teixeira de Sales.

Daí por diante, a minúscula estrela se vai transformando em sol e Alphonsus passa a ser considerado como o maior dos vultos literários de Minas Gerais, segundo Etienne Filho. Augusto Frederico Schmidt aponta-o como “um raro poeta, uma rara poesia. Um dos maiores poetas do Brasil”.

Há de se dizer que veio tardia a consagração. Que o olvido a que foi relegado e em que se fanou o grande e primoroso sonhador de Mariana, e que tanto amargou a existência do solitário vate, não pode ser afastado pelo testemunho das gerações que o sucederam. Por mais que se queira engrandecê-la, é sempre lamentosa a justiça de Deus na voz da história. É certo que, com essa atitude, deixou ele de ser considerado, conforme suas expressões em Carta a Machado de Assis, datada de 27 de agosto de 1908, “um simples e temporário juiz municipal”, colocando-se por unânime consenso muito acima da opinião de Sílvio Romero, no “Livro do Centenário”, que lhe injuriava os versos como sendo “ladainhas”.

Interessante é notar que, dentro do silêncio e da solidão a que se recolhera, ou como ele mesmo informava a Mário de Alencar, em carta datada de 10 de julho de 1908, “na monotonia da vida que levava”, foi feito membro da Academia de Letras do Piauí, fato por todos os motivos inexplicável,

não somente porque sua poesia era repudiada pela crítica dos mais destacados meios literários, como porque sempre externara ele ojeriza às Academias.

Coube, assim, aos componentes daquela humilde e apagada cúpula provincial aplaudir e enaltecer as manifestações do simbolismo nascente do qual se iria tornar astro fulgurante o místico mineiro.

Hoje, Alphonsus ocupa as cumiadas da imortalidade, tornando-se cada vez mais vivo, dominando assim a morte que tanto lhe amargara a vida.

Se outros méritos não se pudesse atribuir ao admirável poeta mineiro, com justiça deve ele ser considerado, com a sua inspiração através do simbolismo, responsável pelo retorno da poesia às suas origens de encanto e mistério, passando poesia e mística a se entrelaçar, dentro daquele "sentimento trágico da vida", a que se referiu Unamuno.

Como diz Tristão de Athayde, em todos os grandes momentos poéticos vemos os poetas voltarem aos caminhos de Deus. E disso temos comprovação nos versos de Alphonsus Guimarães, como no soneto

AS MÃOS DA VIRGEM

Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas
para aliviar de Cristo os sofrimentos,
cujas veias azuis parecem feitas
da mesma essência astral dos óleos bentos;
mãos de sonhos, de crenças, mãos afeitas
a guiar do moribundo os passos lentos,
e, em séculos de fé, rosas desfeitas
em hinos sobre as torres dos conventos;
mãos a bordar o santo escapulário,
que revelastes para quem padece
o inefável consolo do rosário;
mãos ungidas no sangue da coroa,
deixai, também, sobre a minha alma em prece
a bênção que redime e que perdoa.